

sivamente artificiais as superfícies de objetos e máquinas arruinadas, de aspecto ferruginoso. A composição de algumas dessas fotos, assim como de seus títulos, alude às diversas tendências da arte abstrata, que, no Brasil, estiveram em voga na década de 1950. Plenamente operante na fotografia do período, os princípios construtivos de uma arte não representativa grassaram por aqui, na esteira de Rodchenko ou Lázló Moholy-Nagy, por exemplo, na obra, entre outros, de Geraldo de Barros, que Martins parece emular pela cor. A cor ajuda a desfazer completamente qualquer possibilidade de uso dessas imagens como registros documentais, pois até mesmo a pátina desses objetos é alterada de modo a não permitir qualquer outro comentário ou impressão que não aquele que os remeta à sua estranha aparição na página branca do papel. Enaltecendo pela cor a pigmentação das superfícies em corrosão, as últimas imagens presentes no livro de Souza Martins nomeiam-se “pós-modernidades”, menos talvez porque testemunharam o ocaso da modernidade, mas porque tomam por empréstimo, como apropriação ou arte combinatória, procedimentos de experimentação da imagem análogos aos de outros artistas que, outrora, agiram sob a égide daquela categoria.

Theodor W. Adorno, *As estrelas descem à Terra – a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária*. Tradução Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo, Editora da Unesp, 2008, 194 pp.

Patrícia da Silva Santos
Mestranda em Sociologia pela USP

O que poderia haver em comum nas previsões de horóscopo do *Los Angeles Times* da década de 1950, na literatura de Franz Kafka e na música de Stravinsky? Aparentemente não há nada de substancial que possa atar coisas tão diferentes. Mas justamente esse

“aparentemente” é o empecilho que foi deslocado por Theodor Adorno na sua busca por reconhecer, ler e interpretar a sociedade a partir de elementos como os citados.

As estrelas descem à Terra toma por tarefa a explicitação de fenômenos sociais a partir da leitura atenta, no período de novembro de 1952 até fevereiro de 1953, da coluna de astrologia do *Los Angeles Times* escrita por Carroll Righter. Diferentemente das grandes obras de arte, a questão não envolve as sutilezas de análise da forma, em que “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (*Notas de Literatura I*). Em compensação, a astrologia só pode ser discutida a partir da análise dialética que envolve os textos da coluna e a sociedade. Essa dialética está centrada, sobretudo, no sujeito configurado pela figura do leitor.

O propósito do livro não é a astrologia em si, mas a “susceptibilidade” (p. 174) à qual estão sujeitas as pessoas, ou seja, a astrologia é usada como “chave para potencialidades sociais e psicológicas muito mais abrangentes” (p. 174). A astrologia é vista como “sintoma” (p. 174) de tendências sociais específicas.

Esse propósito implica, no decorrer do estudo, um procedimento de análise que lança mão, de um lado, de conceitos ligados à psicanálise e à psiquiatria e, de outro, de conceitos sociológicos. Mas essas duas perspectivas aparecem dialeticamente relacionadas por meio de um pensamento filosófico que reconhece nos indivíduos as questões sociais, tendo em vista no entanto que “a sociedade é feita daqueles que ela abarca” (p. 175).

Dessa forma, o autor recorre em grande medida à “abordagem bifásica” que, em psicologia, corresponde ao comportamento neurótico que oscila entre extremos contraditórios, por exemplo, alguém que age em relação a si mesmo por vezes como criança travessa, por outras como disciplinador severo. Para Adorno, a coluna utiliza-se desse instrumento de polaridades para manter a dependência do leitor, ao trabalhar com uma imagem dele como sendo alguém

frustrado e, ao mesmo tempo, passível de obter sucesso. Desse modo, a individualidade só é conquistada a partir do sacrifício que o leitor faz de si mesmo em nome de uma crença arbitrária nos ditames da coluna. Nesse sentido, a dependência, a semiformação e outros elementos aparecem associados à suscitação de “disposições paranoicas” (p. 190), no interior das quais a astrologia aparece como um dos sintomas da regressão social. A afirmação do sujeito só ocorre mediante a sua negação diante das potências sociais (trabalho, família, relacionamentos etc.).

No âmbito estritamente sociológico, é interessante destacar a recorrência às observações ligadas às classes sociais, à divisão sexual do trabalho dos leitores da coluna, bem como à manutenção dos sistemas de autoridade por meio da exposição frequente da figura do chefe (aos leitores, aconselha-se sempre a obediência à hierarquia do trabalho).

O livro retoma conceitos centrais da filosofia adorniana de maneira bastante específica. Gostaria de destacar dois desses desenvolvimentos um pouco mais detalhadamente.

O primeiro é a retomada da concepção base da *Dialética do esclarecimento*: o “entrelaçamento do mito e do esclarecimento”. Tal concepção é pontuada em vários momentos na discussão sobre a coluna de astrologia. A crença no zodíaco ilustra muito bem o fato de que “a irracionalidade não é necessariamente uma força que opera em uma esfera externa à racionalidade: ela pode resultar do transtorno de processos racionais de autoconservação” (p. 30). Desse modo, a tensão entre progresso científico e a crença na astrologia é mantida latente por conta do caráter de “superstição secundária” adquirido por essa última em sua configuração moderna. Nesse sentido, a análise da coluna de astrologia não tem relações com o oculto (que seria a “superstição primária”), em sentido individual e de expressões do inconsciente (como a visão de fantasmas, ou a telepatia, exemplos utilizados por Adorno), mas, ao contrário, “o oculto aparece, aqui, institucionalizado, objetivado e amplamen-

te socializado” (p. 32). Essa é uma das especificidades bases da astrologia no período moderno e Adorno procura sublinhar reiteradas vezes esse caráter em seu esforço de articular o estudo da coluna com a interpretação dos processos sociais. Assim, a astrologia moderna aparece pautada num “super-realismo” (p. 36), que releva a “ordem do cotidiano” (p. 91), ordem essa, por sua vez, regulada pelo mundo do trabalho e pelas configurações sociais e familiares modernas. Contraditoriamente, a astrologia está fundada nas bases arbitrárias da determinação dos astros sobre as vidas individuais, no entanto “esse mistério não é mera ‘superstição’. Ele é a expressão negativa da organização do trabalho e, mais especificamente, da organização da ciência” (p. 182).

Outra reflexão importante que Adorno retoma no texto sobre a coluna de astrologia é a de “indústria cultural”. A forma moderna do zodíaco sob a concepção de “superstição secundária” depende dela, em grande medida. A coluna, assim como o cinema e outras formas de indústria cultural, ajuda a manter uma espécie de “normalidade” social pré-fabricada e fundamentada na esfera da aparência, que impede o indivíduo de chegar a uma reflexão autêntica e o mantém estritamente nos limites da ideologia.

Esses dois aspectos da discussão de Adorno fazem da análise sobre a astrologia um estudo sociológico que articula a totalidade social a aspectos particulares. Trata-se, assim como no caso das análises da literatura ou da música (embora com procedimentos diferentes, ajustados às especificidades dos objetos), de remover a esfera do “aparente” sustentada pela ideologia com o intuito de melhor reconhecer a dialética dos mecanismos sociais.

Por fim, ponto importante e relevante do livro é o seu desenvolvimento sob a forma do ensaio, articulando a observação empírica à análise especulativa, sob a égide da especificidade do pensamento adorniano. No entanto, diferentemente de outros textos considerados mais herméticos, a leitura de *As estrelas descem à Terra* flui de maneira particular devido à sua

escrita menos rebuscada e à argumentação pautada em exemplos. Embora essa característica em si mesma não tenha relação determinante com a qualidade do texto, ela é mais um incentivo à leitura para aqueles que se esquivam do autor alegando a dificuldade da sua escrita.

Iram Jácome Rodrigues & José Ricardo Ramalho (orgs.), *Trabalho e sindicato em antigos e novos territórios produtivos: comparações entre o ABC paulista e o sul fluminense*. São Paulo, Annablume, 2007, 364 pp.

Davisson Charles Cangussu de Souza
Doutorando em Sociologia pela FFLCH – USP

A coletânea analisa as transformações ocorridas nas duas últimas décadas no *trabalho*, no *sindicato* e nos “*territórios produtivos*” que abrigam os dois principais polos da indústria automotiva brasileira: o ABC paulista, uma região tradicional no setor desde o final da década de 1950, e o sul fluminense, incluída nessa cadeia produtiva nos anos de 1990. A originalidade do enfoque proposto e a diversidade temática que apresenta torna sua leitura indispensável para os estudiosos das questões trabalhistas e sindicais no Brasil, estimulando o debate acadêmico tanto entre os que se identificam com sua abordagem como entre seus críticos. Sem a preocupação de abordar cada um de seus treze artigos, teceremos alguns comentários sobre determinados aspectos analíticos e metodológicos que nos chamaram a atenção durante a leitura de alguns textos.

O objetivo mais geral do livro é estabelecer *comparações* entre as duas regiões escolhidas. Porém, ao contrário do que o próprio título sugere, apenas três artigos adotam esse procedimento, o que pode decepcionar o leitor que espera encontrar aí uma série de exercícios comparativos. Essa ausência pode ser compensada parcialmente por uma leitura transver-

sal dos textos restantes, apesar de não contrabalançar o salto qualitativo que poderia ter sido dado com a delimitação prévia de um objeto de pesquisa e de uma metodologia de comparação baseada em parâmetros equivalentes para os casos analisados.

No caso do texto de Jefferson da Conceição, a utilização desse instrumento seria imprescindível para sustentar sua tese central. Ao desenvolver uma crítica ao argumento empresarial do “custo ABC”, esse autor se baseia na avaliação de dados do valor adicionado nas indústrias de autopeças, e conclui sobre o crescimento da lucratividade e produtividade no setor no período estudado. Porém, ao não contrapor os dados apresentados com os de outras regiões, sua exposição perde força explicativa. Ora, pode-se indagar se as “vantagens comparativas” que o mercado de produção e consumo brasileiro oferece em relação aos países capitalistas centrais (o que explica a fragilidade da também difundida tese do “custo Brasil”) não seriam ainda maiores nos “novos territórios”, a começar pela ausência de tradição de luta sindical.

Um aspecto metodológico importante de ser destacado está presente no artigo de Cecília Pontes *et al.*, que resume os resultados da pesquisa comparativa realizada pelos organizadores da coletânea. A partir da aplicação de um *survey* junto a operários do ABC e do sul fluminense, os autores concluem que, a despeito de diferenças relevantes no perfil socioeconômico entre os trabalhadores das duas regiões, as representações que estes fazem de suas condições de trabalho são bastante similares. O procedimento adotado nesse trabalho revela uma concepção apriorística dos fatores que condicionam “o comportamento e as opiniões” dos operários, pautados exclusivamente em critérios sociais e econômicos. Ademais, mesmo que a própria pesquisa mostre não haver uma relação de causa e efeito entre os aspectos escolhidos, não é realizado um esforço analítico adicional a fim de verificar o que há de comum entre esses dois segmentos que resulta em “atitudes operárias” tão semelhantes. Essa questão poderia ter sido aprofundada a partir